

# **A CRISE DA DEMOCRACIA: OS CORRUPTOS**

(Jornal do Brasil - 27/01/2005)

A política leva muita gente à corrupção. O poder público também. Burocratas e políticos correm sérios riscos de resvalarem para a corrupção. Nela se inclui, também, a corrupção afetiva, o nepotismo, as concessões por vaidade humana, além do que é mais comum, a corrupção pura e simples por dinheiro.

Cristo teve 12 apóstolos. Um deles o traiu. Era exatamente o que cuidava da bolsa, manipulava o dinheiro. Pode ter sido uma coincidência, mas, em face do livre arbítrio que Deus outorga a todos os seus filhos, foi ele mal usado. E vendeu Cristo por dinheiro, tendo se arrependido --não como Pedro—e, no desespero, cometeu um segundo ato tresloucado, o suicídio. Poderia ter ainda sido um grande santo, como Agostinho, mas escolheu o modo errado para penitenciar-se.

Lord Acton ao dizer que o Poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente não fez senão afirmar o óbvio.

Um dos aspectos interessantes da corrupção reside na gradativa insensibilidade que o corrupto vai adquirindo, como o drogado, nos seus desvios de conduta. E, mais do que isto, como se vai justificando. O político, quantas vezes não amortece sua consciência dizendo: "Se graças a mim tanta gente ganha, por que não ficar com um pouco do que os outros ganham"?

Hitler, no dia 27 de abril de 1945 --isto é, 3 dias antes de seu suicídio-- fez observação anotada por seus biógrafos, segundo relatos daqueles que ficaram no "bunker" com ele, que serve para mostrar a insensibilidade que o poder vai gerando. Disse: "Se de alguma coisa tenho que me arrepender é de ter sido tão generoso com as pessoas".

Saddam Hussein não permitia a corrupção em seu governo. Clientes meus que trabalharam no Iraque, diziam-me que não havia o menor risco de corrupção. O corrupto era simplesmente eliminado. O grande problema é que ninguém discutia qualquer condição imposta pelo poder, pois o monopólio de tudo pertencia ao sanguinário ditador, o que vale dizer, não havia corrupção, mas o "preço" das contratações públicas era exclusivamente determinado pelo detentor do poder.

Todos os preços públicos são maiores do que os preços privados, no mundo inteiro, porque neles está incluído o preço da corrupção. Os corruptos recebem uma porcentagem paga por fora, quase sempre em contas bancárias nos paraísos fiscais, para permitirem a vitória nas licitações, o mais das vezes, dirigida pelas administrações públicas.

Campos Salles foi um presidente brasileiro que entrou rico na política e saiu pobre. A grande maioria dos políticos --que só vivem de política e com subsídios e vencimentos parcos, se comparados aos padrões internacionais-- entram pobres na política e dela saem ricos. A corrupção é difícil de se combater, pois a manipulação de seu patrimônio --o declarado-- cabe aos mestres da contabilidade e das operações forjadas, quando não de lavagem de dinheiro.

Nunca se falou tanto em ética no mundo inteiro e nunca se viu tantos problemas espoucarem nesse campo, diariamente, desvendando corruptos, na burocracia e na política.

Muitos entendem que o surgimento de escândalos e a descoberta da corrupção demonstram uma evolução na humanidade, visto que, à época das monarquias absolutas, a divulgação desses acontecimentos seria impossível e, quando desvendados, objetivavam eliminar os indesejáveis para o Poder.

O fato é uma realidade que decorre, de certa forma, da democracia. Quem luta pelo poder, deseja-o a qualquer custo, tentando obtê-lo pela desmoralização do adversário, colocando uma lupa sobre suas ações para detectar qualquer gestão indigna, e desmascará-la, com o que, nesse tipo de democracia, que

é a arte de se conquistar o poder pela desqualificação do inimigo, consegue-se reduzir --nunca eliminar-- o nível da corrupção.

É bem verdade que há uma conotação ideológica. Quando os órgãos responsáveis pelo combate à corrupção têm preferências ideológicas, passam a ser seletivos. Lutam para descobrir a podridão dos que tenham ideologia diferente e escondem a podridão dos que pensam como eles, tornando-se --mesmo que não recebendo dinheiro do poder-- corruptos de outra espécie, ou seja, "corruptos ideológicos".

São os "corruptos ideológicos" os mais perigosos. Simone de Beauvoir, em seu livro "Os Mandarins" mostra como a esquerda francesa procurava esconder as atrocidades de Stálin, apesar de ser "idealista", em matéria de dinheiro.

Política e corrupção. Poder e corrupção. Burocracia e corrupção. São características permanentes dos homens que dominam os povos, considerando-se mais dotados que a plebe para subir na vida, à custa dela.

SP., 21/01/2005.